

Olhares múltiplos: percepções juvenis sobre a cidade de Lorena (SP)

Fernanda Cristina Capelette dos Santos

Aluna do Curso Técnico de administração de Empresas, da ETEC Pe. Carlos Leôncio da Silva. Bolsista do CNPq na modalidade PIBIC-EM. E-mail: fcapelettesantos9@gmail.com

Luiz Antonio Feliciano

Graduado em Comunicação Social (habilitação Publicidade e Propaganda) pela UNITAU-Universidade de Taubaté; Mestre em Multimeios pela UNICAMP-Universidade Estadual de Campinas; Doutor em Educação pela UNICAMP-Universidade Estadual de Campinas; atualmente é professor nos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Rádio, TV e Internet e Design do UNIFATEA-Centro Universitário Teresa D'Ávila, e no curso de Publicidade e Propaganda da UEMG-Universidade Estadual de Minas Gerais, na unidade de Frutal; também atua como fotógrafo profissional desde 1994. E-mail: liufeliciano@gmail.com

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo apresentar, a partir da fala de jovens, quais as suas representações e relações com a cidade de Lorena (SP), lugar em que eles residem. A pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevista semiestruturada com um grupo de jovens, entre 16 e 18 anos. Os sujeitos relataram suas preferências e experiências através de fotografias de lugares da cidade considerados importantes e locais que gostam e visitam frequentemente. Com esse movimento, possibilitou-se observar as desigualdades, as particularidades e as individualidades que os diferenciam e o quanto a cidade é importante no desenvolvimento de cada um deles, sobretudo, na formação de sua identificação com o espaço urbano.

PALAVRAS-CHAVE:

jovens; cidade; fotografia; desenvolvimento.



ABSTRACT

This paper aims to present, from the speech of young people, their representations and relations with the city of Lorena (SP), where they reside. The research was developed through a semi-structured interview with a group of young people, between 16 and 18 years old. The subjects reported their preferences and experiences through photographs of important city places and places they often enjoy and visit. With this movement, it was possible to observe the inequalities, the particularities and the individualities that differentiate them and how important the city is in the development of each of them, above all, in the formation of its identification with the urban space.

KEY-WORDS:

young people; city; photography; development.

INTRODUÇÃO

Na cidade existem vários espaços de celebração que comportam as qualidades predominantes da sociabilidade juvenil. Para Carrano (2003), a organização das relações sociais da juventude se centra no domínio de um estilo de vida marcado pela prática do encontro ou, melhor dizendo, do *encontrar-se*. Em todos os momentos de *encontrar-se*, o denominador comum é o lugar escolhido para a celebração. Assim, o lugar passa a ser laço que une o grupo (MAFFESOLI, 1998). Nessas celebrações, que propiciam o encontro de jovens, *encontram-se*, concomitantes, as mercadorias da cultural, da moda e da propaganda. Indústrias que buscam influir nos hábitos consumistas do jovem, desde produtos até gostos e comportamentos. Em contrapartida, o processo dinâmico da relação juvenil produz significativas emanções culturais que serve de matéria prima para as novas tendências mercadológicas (CARRANO, 2003). É a partir da movimentação do jovem na cidade, real ou virtual, que o mercado arquiteta o sentido e o imaginário de jovialidade presente nesses discursos de juventude *perene*. Um discurso quase uníssono traz a ideia de que a imaturidade e a falta de experiência exercem grande influência sobre a formação do pensamento e das opiniões do jovem.

Contudo, esta pesquisa procurou problematizar os olhares de um grupo de jovens sobre a cidade de Lorena (SP). Uma juventude que se encontra em fase de construção de valores éticos, morais e estéticos e que procura novas formas de relacionar-se e de expressar-se de diferentes maneiras. Um dos pilares para a realização da pesquisa foi a fotografia,

com o proposta de fotografar lugares em que o colaborador se sentisse bem. Intencionou-se, com isso, mostrar uma visão dos diversos espaços públicos espalhados pela cidade que são significativos para o jovem. A percepção dos espaços pelo olhar do jovem é uma maneira de compreender como é o modo de vida desses indivíduos e como eles se relacionam com o ambiente a sua volta, além, também, de seu comportamento no âmbito social. De certo modo, o trabalho possibilitou problematizar a complexidade da cidade, a partir de fotografias realizadas pelos jovens, os modos de apropriação da cidade pela juventude contemporânea e as maneiras como eles ressignificam os espaços públicos.

Uma abordagem sobre o espaço público da cidade exige uma abertura para um fenômeno de movimentos ininterruptos de mudanças e reconfigurações múltiplas. Algo múltiplo que reconfigura as subjetividades contemporâneas inseridas numa efervescência de experiências cotidianas. Por esse viés, essa pesquisa, ao problematizar as ressignificações dos espaços públicos pelo olhar do jovem, potencializa debates sobre a identidade daqueles que vivificam a cidade e a transforma de *polis* (projeto) em *urbs* (vivência) (PAIS, 2005). Foi interessante para o projeto travar essa discussão pelo fato jovens nascidos nessa cidade serem uma geração que nasce sob diversas mudanças, especialmente, sobre o paradigma da territorialidade. De certa maneira, entender a identificação do jovem lorenense com a cidade é compreender, um pouco mais, a importância dos espaços da cidade para fomentar as relações sociais da população como um todo. O trabalho ganhou relevância pela oportunidade de enxergar a

cidade a partir do olhar de quem a vivencia na sua intensidade e complexidade. Espera-se, a partir dessas problematizações, que o trabalho tenha contribuído para que cidade possa ser entendida em sua multiplicidade.

OLHARES SOBRE JUVENTUDE, CIDADE E FOTOGRAFIA: OU ALGUNS ENTORNOS TEÓRICOS

O conceito de juventude vem sofrendo mudanças desde a Antiguidade. Foram muitas transições para se chegar ao que se entender, atualmente, como juventude. Antes, por exemplo, no Império Romano, era o pai quem decidia quando o filho se tornava adulto e o casamento era usado para combater as explosões juvenis (CASSAB, 2011). Na Idade Média, a juventude passa a ser relacionada à liberdade e a violência (para os meninos) e encerra-se com o casamento ou expedições. Somente a partir dos séculos XVIII e XIX que esse tempo foi percebido como uma etapa da vida na qual os indivíduos possuíam uma maneira própria de ver, sentir e reagir. Nesse período, os jovens passaram a desfrutar de certos privilégios, como o trabalho. Então, começou-se a enxergar esse tempo como transição da infância para a vida adulta. Os jovens começaram a estudar e a preparar-se para uma profissão, tendo a escola como objeto de ruptura à época anterior, pois foi um instrumento de controle à indisciplina e à degradação moral. A juventude era o período de formação e de fazer escolhas que afetariam o jovem para o resto de sua vida. Porém, para aqueles de classe baixa, a realidade era outra, eles

eram subordinados, pois tinham que trabalhar muito cedo. Caso não o fizessem, seriam vistos como delinquentes. (CASSAB, 2011).

Na transição do século XIX para o XX, as emoções violentas, a agressividade, a instabilidade emocional e a curiosidade sexual tomaram conta da cabeça dos jovens. Os indivíduos de famílias burguesas (boas) eram vigiados e controlados pelas instituições de ensino, sendo vistos como jovens de bom caráter e honestos. Já, os indivíduos de famílias operárias (desvirtuadas), que nem podiam ir à escola, eram tachados como vagabundos, tendenciosos ao crime, à atitudes amorais e aos vícios. É assim que a juventude adentra o século XX, como um problema no qual seus desejos e impulsos precisavam ser controlados (CASSAB, 2011). Quando a Juventude não é o problema ela tem um problema (MARTÍN-CRIADO, 2005). Hoje é perceptível a busca dos adolescentes por uma imagem moral e física e uma autoafirmação.

A cidade é o lugar propício para esse encontro. Os múltiplos espaços que compõem a cidade não permitem que ela seja concebida como um modelo universal, mas, sim, ser entendida como “um espaço que traduz uma certa peculiaridade de lugar construído pelas experiências e pensamentos de homens, indicando que o universal está nas ações dos homens” (RODRIGUES, 1996: p. 58). A complexidade da cidade é um fator fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos. O espaço onde eles adquirem cultura, religiosidade, conhecimento e experiências.

A complexa teia que sustenta a cidade, com sua multiplicidade de lugares que se constituem pela prática social cotidiana, possibilita e

potencializa outras relações com o local. Augé (2008) vai apontar esse lugar vivenciado e marcado pelas vicissitudes e contradições da vida social como “lugar antropológico”. Um espaço de referência para aqueles aos quais foram designados. Por outro lado, se o *lugar* é identitário, relacional e histórico, o *não-lugar* caracteriza pelo seu oposto, o espaço do fluxo, da passagem (FERRAZ, 2010; AUGÉ, 2008.). De rodoviárias a rede de hotéis, de estações a parques de lazer, o que identifica o não-lugar é a não identificação do lugar fixo. Para Agier (2011: p. 112), nos “não lugares urbanos, as práticas cidadinas são essencialmente individuais tanto em sua ação como em seu alcance imediato”. Essa individualidade da ação no não-lugar caracteriza a *cronotopia* bakhtiniana que se configura em uma experiência única, vivenciada num tempo e num espaço específico (BEZERRA, 2005).

Ferraz (2010) discute a relação do espaço a partir do conceito de *entre-lugar*. Na sua concepção, o conceito aponta para arranjo espacial caracterizado pela fronteira, que tanto separa e limita como, concomitante, contata e aproxima. É um lugar de estranhamento, mas potencializador de identidades, pois o que se abre ao diálogo intensifica a possibilidade de identificação.

Entre-lugar não pode ser idealizado como o paraíso, mas também não pode ser reduzido ao inferno dos detalhes e da violência em si. É tão somente um conceito que apresenta uma dada forma de olharmos o mundo nas condições com que vivenciamos e o produzimos a partir do território em que nossa existência se efetiva. (FERRAZ, 2010: p. 30).

O espaço se torna lugar pela usabilidade, pela prática social e a significação que a vivência o institui. O caminho também pode ser inverso na medida em que a descaracterização do lugar, através de outras reconfigurações, transforma-o em espaço vazio. Uma inoperância valorativa que permite uma impermanência de sentidos. De certa maneira, a constância significativa do lugar tende a se flexibilizar com mais frequência pela complexidade dos sentidos que envolvem a sociedade contemporânea. De toda maneira, o *lugar*, no seu sentido mais antropológico, sociológico, geográfico e arquitetônico deve ser onde a condição humana se torna plena, com o seu direito, aos conflitos, às diversidades e às heterogeneidades, assegurados.

Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. É envolver-se numa certa relação com o mundo que se assemelha com o conhecimento – e, por conseguinte, com o poder (SONTAG, 1981, p. 04). A fotografia transforma a maneira de vermos e relacionarmos com o mundo, ela reúne diversos momentos em um só instante e em uma só imagem. Também possibilita que em uma época de inúmeras mudanças sociais, culturais e políticas tenhamos a iniciativa de pensar e refletir sobre o que nos cerca.

A fotografia, com esses dilemas, tem ajudado a formatar, desde sua origem a cidades e urbanidades que hoje se conhece. Ela tem se configurado, com o seu percurso, uma ferramenta importante, mesmo com suas limitações e seus paradoxos, para entender o contexto humano. Quando associada à cidade, ela consegue retratar diversas facetas da cotidianidade, além de contribuir, ainda, para o conhecimento de outros lugares. Porém,

a fotografia está intimamente ligada aos interesses tanto do fotógrafo como, também, do leitor (SÁNCHEZ MONTALBÁN, 2002; ESCALLIER, 2009.). Por esse viés, ressalta-se a retórica da cidade transladada com o ato fotográfico. Suas expressões diversas, seus espaços conotados e sua fragmentação podem produzir discursos diversos, ainda mais convincentes, quando ligados à fotografia.

A fotografia de uma cidade é mais do que a representação de um espaço ou uma atividade, mas está configurada como uma janela aberta para a interpretação e as sensações vitais e emocionais do representado. (SÁNCHEZ MONTALBÁN, 2002: p. 78. **Tradução nossa.**)

As fotografias têm seus valores próprios e sua valoração independe de sua qualidade material. Muitas vezes, algumas imagens configuram a única verdade sobre o lugar, sobretudo, quando não existem outras imagens para serem comparadas. Nesse sentido, as construções mentais, baseadas na experiência e na percepção da cidade, ganham reforço com as fotografias da cidade. A polifonia e a polissemia da imagem fotográfica, capturada de maneiras diversas, tende a produzir uma cidade no imaginário coletivo. Nesse sentido, as fotografias dos jovens colaboradores trazem contribuições para a construção da imagem da cidade de Lorena.

CAMINHOS PERCORRIDOS: OU ALGUNS PASSOS METODOLÓGICOS

Os métodos utilizados para a concretização do trabalho foram, principalmente, por meio de uma pesquisa qualitativa composta por

uma entrevista semiestruturada com um grupo de jovens, entre 16 e 18 anos, residentes na cidade de Lorena. Foi solicitado para que eles fotografassem locais da cidade que fossem considerados importantes e lugares que gostassem e têm o costume de visitar com frequência. Logo após, foi requisitado que os mesmos elaborassem um breve texto, a partir de perguntas pré-definidas, sobre os motivos que os levaram a tirar tais fotografias e a importância da localidade em suas vidas.

A fotografia pode ser utilizada para falar daquilo que, pelo hábito, torna-se difícil ser verbalizado. "Se for estimulado, poderá, por exemplo, fotografar espaços ambientais identificados com seu uso específico e particular (FERRARA, 1988: p. 77)". As fotografias e as falas ao redor das mesmas são técnicas complementares para se chegar aos significados que um espaço tem para aquela pessoa. É possível compreender tais significâncias através das imagens, mesmo sendo uma forma de arte expressamente visual. Há, sim, a necessidade de certa sensibilidade para analisá-las, pois cada indivíduo pode expressar suas particularidades de diferentes maneiras.

O trabalho tem o objetivo de mostrar a partir da fala de jovens, o que é ser jovem na cidade, com suas singularidades e desigualdades. A vivência em sociedade é uma característica inerente ao ser humano. Isso reforça a ideia de que os espaços públicos são notoriamente imprescindíveis no âmbito da socialização, uma vez que são nessas localidades que pessoas de diferentes culturas e ideologias se reúnem. Como assinala Maffesoli (1984: p. 60), "por

cidade, entendemos esse desejo irreprimível de estar junto que se estrutura a partir e em torno de um território".

Por conseguinte, é de fundamental importância o emprego da fotografia, pois segundo Ferrara, a leitura dos espaços urbanos "não pode prescindir do recurso de veículos audiovisuais, notadamente a fotografia (...) estimula a associação de ideias acionando comparações que dão à leitura dinamicidade, produção, transformação" (FERRARA, 1988: p. 17.). Um complemento à ideia de que a imagens completam a preleção produzida pelos entrevistados, que, segundo Miranda (2001: p. 39), é "um outro olhar que, como vimos, reconstrói, a sua maneira, o real; e que nos proporciona uma outra experiência perceptiva". No próximo tópico, um pouco dessa experimentação visual é oferecida, envolta a algumas análises, mas abertas para outras interpretações possíveis, pois essa abertura interpretativa deve ser o grande legado da fotografia.

TECETURA CITADINAS: OU ALGUMAS INFERÊNCIAS SOBRE OS DADOS

A cidade vai muito além de apenas um conglomerado de prédios, ruas e avenidas. Ela é a junção de lugares que ganham significados e importância após serem vivenciados por pessoas com diferentes culturas, religiosidade, níveis econômicos e informações. São as particularidades e individualidades de cada um que dão identidade aos lugares. Na entrevista com um grupo de jovens, pôde-se evidenciar a importância da cidade de Lorena para cada um deles.

O turismo religioso no Vale do Paraíba é muito forte, sobretudo no Vale Histórico, tendo como principais pontos de roteiro as cidades de Aparecida, Guaratinguetá e Cachoeira Paulista. Mas em Lorena a religiosidade e a fé também estiveram sempre muito presentes. Segundo o CENSO de 2010, 75,5% da população Lorenense é Católica Apostólica Romana, 23% Evangélica e 11,5% Espirita.

Nas falas dos jovens, a religiosidade é bastante evidente, como pode ser comprovado nas declarações a seguir.

Entrevistado 01: "A igreja de São Benedito (IMAGEM 1) é um importante símbolo histórico cultural de Lorena, que atrai muitos turistas do circuito religioso. Por eu ser católica me transmite muito contato com Deus e fortifica a minha fé, pois é lá que posso descansar dos meus problemas".



IMAGEM 1 – Igreja
São Benedito,
Centro de Lorena.
Autor: Isabel
Borderes Motta –
Data: 14/03/2018

Entrevistado 02: “A Catedral da cidade, a Igreja de Nossa Senhora da Piedade (IMAGEM 2) que, além de possuir uma arquitetura graciosa, foi o ambiente em que fui batizado, fazendo de lá um local muito importante para mim, mesmo não sendo muito ligado à religião. A fotografia mostra um pedaço do passado ainda intacto inserido no mundo contemporâneo, pois a torre da igreja, juntamente com o casario antigo, me permite imaginar como era a vida séculos atrás”.

IMAGEM 2 –
Catedral Nossa
Senhora da
Piedade, Centro
de Lorena. Autor:
Ewerton Carlos
da Silva – Data:
12/03/2018



Entrevistado 03: “Desde pequeno eu frequento a Igreja Evangélica Pentecostal Livre (IMAGEM 3). Dentre todas as igrejas de Lorena, eu frequento essa, pois é aonde meus pais vão há muito tempo. Quando eu era menor participava do grupo de crianças e, hoje em dia, sou membro do grupo de jovens UNAJE (Unidos Anunciando Jesus), além de tocar saxofone na banda Remidos em Cristo e cantar no grupo de louvor Livres em Cristo. Gosto de participar dos cultos, pois me sinto mais perto de Deus, e para mim isso é algo muito bom que não dá para ser expresso com palavras.”



IMAGEM 3 –
Igreja Evangélica
Pentecostal Livre,
Centro de Lorena.
Autor: Luís Gabriel
Bustamante Sá
Clemente – Data:
14/03/2018.

A religiosidade, como pode ser observado, ainda exerce um papel muito importante na formação das pessoas. Isso ocorre, muitas vezes, por influência da própria família na qual o indivíduo está inserido. Ademais, é perceptível a valorização dos espaços públicos por eles frequentados, evidenciando a preocupação com a preservação dos locais, referindo-se não apenas individualmente, mas também aqueles que têm importância para a comunidade, ou seja, de forma geral, eles se preocupam com o futuro do município.

IMAGEM 4 – Casa
da Cultura – Solar
Conde Moreira
Lima, Centro de
Lorena. Autor:
Ewerton Carlos
da Silva – Data:
14/03/2018



Entrevistado 04: "A Casa de cultura (IMAGEM 4), é uma instituição muito importante para a cidade e que, muitas vezes, é ignorada pela população e pela própria prefeitura, uma vez que a estrutura do prédio claramente precisa de restauro. A casa é uma testemunha da história da cidade, uma vez que nela morou uma das personalidades mais importantes do município, o Conde de Moreira Lima, que devido à sua forte ligação com o Império chegou a abrigar importantes membros da família imperial como a Princesa Isabel, seu marido, Conde D'Eu, e seus filhos, durante sua visita às províncias do Sul. Muitos moradores da cidade sequer sabem da visita da princesa, evidenciando o fato de que a real importância do local é, muitas vezes, omissa. Atualmente, a Casa de Cultura é referência na cidade por abrigar o Projeto Guri, que dá a oportunidade de crianças e jovens aprenderem a tocar instrumentos musicais clássicos, como o violino. Há também outros projetos, como o GAM, um grupo de coral que faz apresentações dentro e fora da cidade. O imóvel também exerce a

função de museu, com um acervo que contém partes da história da cidade, como documentos e peças do mobiliário original da casa, além de abrigar exposições de arte com obras de artistas municipais”.



IMAGEM 5 –
Mercado Municipal
de Lorena, no
Bairro Olaria.
Autor: Ewerton
Carlos da Silva –
Data: 14/03/2018

Entrevistado 05: “O Mercado Municipal da cidade (IMAGEM 5) oferece uma variedade de opções de lazer para nós cidadãos, já que muitos eventos são realizados lá, além de ser um ponto de comércio de produtos regionais. A foto do mercado municipal me mostra o quanto é importante a revitalização de espaços públicos, pois, alguns anos antes, o imóvel do mercado estava em péssimo estado de conservação, e hoje é um dos espaços mais importantes da cidade para realização de evento”.



IMAGEM 6 –
Praça Arnolfo de
Azevedo, no Centro
de Lorena. Autor:
Thalis Mateus Silva
dos Santos – Data:
14/03/2018.

Entrevistado 6: “A Praça Central (IMAGEM 6) tem um valor sentimental muito grande na minha vida e na de diversos moradores lorenenses. Desde pequeno lembro de vários acontecimentos marcantes que se passaram ali, como a chegada do Papai Noel, em vários finais de ano, o carnaval para família, as competições de dança, etc. Depois de sua reforma, a fonte construída se tornou atração principal, refrescando e alegrando a todos”.

IMAGEM 7 –
Centro Social
Urbano (CSU),
no Bairro Nova
Lorena. Autor: Luís
Bustamante Sá
Clemente – Data:
14/03/2018.



Entrevistado 07: “O CSU (IMAGEM 7) é um bom lugar para se passar a tarde junto com os amigos e família, fazendo alguma atividade física ou, simplesmente, acomodando-se na sombra de uma árvore e colocando o papo em dia”.

Devido ao fato de a juventude ser uma das fases mais enérgicas, os espaços de convívio social e da prática de esportes também são muito frequentados, como pôde ser observado nos relatos anteriores. O município dispõe de diversos locais que incentivam a relação da população com a atividade física como, por exemplo, o Centro Social Urbano (CSU), um local onde há rampas de skate, campo de futebol, academia, piscinas, quadra de vôlei e de futsal. Além de serem disponibilizados diversos tipos de atividades, como lutas marciais e natação.

A atenção deve enfrentar e vencer a angústia da pressa. A atenção mora e demora no tempo, por isso é lenta e pausada como o respirar da ioga. Só na medida em que o olho se detém e permanece junto ao objeto, ele pode descobrir os seus múltiplos perfis (aspectos, visadas) e, ao longo

do mesmo processo, recuperar a sua unidade em um nível mais complexo de percepção. (BOSI, 1988: p. 84). Observar, refletir e ter um olhar despido do ritmo acelerado do mundo moderno são características importantes ao observar a cidade. Na fala dos jovens é possível perceber lugares que refletem paz e tranquilidade, levando-os, muitas vezes, a ter lembranças que foram fundamentais para o crescimento deles e até mesmo momentos com seu próprio eu.



IMAGEM 8 –
Parque Infantil
Municipal, na Vila
São Roque. Autor:
Isabela Maria da
Rocha Costa –
Data: 14/03/2018.

Entrevistado 08: “Eu gosto de ir ao parque (IMAGEM 8), pois, eu ia muito lá quando eu era criança, e ir hoje me faz lembrar da infância. É um lugar calmo, um lugar que é bom tanto para ir acompanhado, quanto sozinho. E gosto de me sentar nos bancos, nos brinquedos, é como voltar a ser criança. Transmite-me memórias boas”.



IMAGEM 9 –
Floresta Nacional
de Lorena, na Av.
Maj. Hermenegildo
A de Aquino. Autor:
Isabel Borderes
Motta – Data:
13/01/2018.

Entrevistado 09: “Escolhi o horto florestal para tirar essa foto, porque é um lugar muito bom e importante pra Lorena, porque ele traz o contato com a natureza e mantém espécies em preservação. O horto me transmite muita paz e é lá que me sinto eu mesma, é um lugar calmo e relaxante que traz muita paz para alma”.

Nas palavras de Lucrécia Ferrara, os “usos e hábitos constituem a manifestação concreta do lugar urbano, na mesma medida em que o lugar é manifestação concreta do espaço” (FERRARA, 1993: p. 153). Portanto, o espaço quando segmentado ganha características que refletem múltiplas informações, culturas e individualidades, formando um todo com características únicas. É essa multiplicidade de significações que caracteriza a cidade de Lorena, assim como tantas outras cidades que comungam da mesma complexidade e efervescência. Os entrevistados dão conta de trazer um pouco dessas características nas suas falas e nos olhares lançados sobre os espaços vivenciados. Lugares que constituem a lembrança viva de histórias vividas e de sujeitos construídos.

CONCLUSÃO

A sociedade está em constante transformação porque é composta de pessoas que mudam pela própria inconstância do ser. Os jovens desta geração são diferentes da anterior e, indubitavelmente, serão dispares da próxima. No entanto, a participação dos jovens no atual âmbito social é de suma importância, pois com suas individualidades e particularidades são construtores, inovadores, observadores e repletos de opiniões.

Qualidades que contribuem para um exercício constante de renovação e ressignificação dos espaços urbanos.

Um ponto em comum entre os entrevistados é que a grande maioria, ao serem questionados sobre os locais que consideram importantes, imediatamente pensaram em lugares públicos e de ampla interação social. São os “lugares conversáveis”, como aponta Castello (2010), ou, como salienta Maffesoli (1998), os lugares de socialidade que reforçam o *querer-estar-junto-à-toa*.

A partir das construções visuais, que foram utilizadas para intensificar o olhar que os jovens têm sobre a cidade, foi possível observar e entender o quanto o espaço exerce influência sobre eles e vice-versa. Um afetar-se mútuo e constante (SANSOT, 2004). Aliás, é perceptível que o elo que une os indivíduos aos espaços físicos está relacionado, principalmente, à religião, ao esporte, à arte e à natureza. Somados a esses temos também as localidades que transmitem paz e tranquilidade e, ainda, aventura, para a prática de esportes radicais.

Outro ponto cognoscível está relacionado às memórias, intrínsecas, envolvendo a cidade e que foram essenciais para o desenvolvimento pessoal, principalmente como cidadãos. A todo o momento as pessoas adquirem cultura, conhecimento e informação com total influência da cidade, que oferece diversas oportunidades a todos que a experienciam.

Com a pesquisa, ficou evidente que os jovens se preocupam com a valorização dos espaços públicos que frequentam. Tal desassossego é deveras importante, pois pode contribuir para a formação de pessoas determinadas a mudar o meio social no qual estão inseridas, transformando, novamente, o ambiente que os cerca.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos*. CORDEIRO, Graça Índia (Trad.). São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2011.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. PEREIRA, Maria Lúcia (Trad.). 7ª ed.. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2008.
- BEZERRA, Paulo. "Polifonia". In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chaves*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.
- BOSI, Alfredo. "Fenomenologia do olhar". NOVAES, Adauto e et. al. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- CARRANO, Paulo C. R. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2003.
- CASSAB, Clarice. "Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução". In. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 17, n.02, 2011, p. 145-159.
- CASTELLO, Lineu Sirângelo. "A cidade dos lugares conversáveis". In. *Arqtexto*. Porto Alegre, RS. n.16 (2010), p. 164-191.
- ESCALLIER, Christine. "La construction du regard em anthropologie de l'éducation: une ethno-pédagogie de l'image". In. *Arquivos da memória* (Antropologia, arte e imagem), Portugal, n.ºs. 5-6, (Nova Série), 2009, p. 152-165.
- FERRAZ, Cláudio Benito O. "Entre-lugar: Apresentação". In. *Entre-Lugar*, Dourados, MS, ano 1, n. 1, 1º semestre de 2010.
- FERRARA, Lucrécia. *Olhar periférico: Informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: Edusp, 1993.
- _____. *Ver a cidade*. Cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1988.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: 2010.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa*. NEVES, Luiz F. B. (Apres.); MENEZES, Maria d. L. (Trad.); VOGEL, Arno (Rev. Tec.). 2ª ed. Rio de Janeiro-RJ: Ed. Forense Universitária, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. "Cidade virtual: novos cenários da comunicação". In. *Comunicação & Educação*, São Paulo, (11): 53 a 67, jan./abr. 1998.
- MARTÍN-CRIADO, Enrique. "La construcción de los problemas juveniles". In. *Nomadas*, No. 23, Universidad Central – Colombia: outubro-2005, p.p. 86-93.
- MIRANDA, Carlos Eduardo A. "Uma educação do olho: as imagens na sociedade urbana, industrial e de mercado". In. *Cadernos Cedes*, ano XXI, N. 54, agosto/2001.
- PAIS, José Machado. "Jovens e cidadania". In. *SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS*, n.º 49, 2005, pp. 53-70.
- RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. "Cultura urbana e modernidade: um exercício interpretativo". In. *Cultura. Substantivo plural*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- SÁNCHEZ MONTALBÁN, Francisco J. "La ciudad poseída. Miradas fotográficas sobre lo urbano como fuente de conocimiento social". In. *Zainak*. 23, 2003, p. 71-88.
- SANSOT, Pierre. *Poétique de la ville*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2004.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

NOTAS

- 1 Local onde é realizada a venda e utilização de drogas, também conhecida como boca de fumo.